

Universidade Federal Fluminense – UFF
Departamento de Estudos de Mídia
Professora: Ana Lucia Enne
Aluna: Ana Beatriz Paes
Trabalho de Conclusão do Curso de Sociologia II

“Bauman, Bauman, não preamos cânico”¹. O Constraste de considerações sobre a Modernidade de Zigmunt Bauman e manifestações da juventude nesse contexto.

1. Introdução: “Siga-me os bons!”²

Baseada principalmente nas obras de Zygmunt Bauman: “Identidade. Entrevista a Benedetto Vecchi” e “Comunidade. Busca por segurança no mundo atual”, pretendo aqui relacionar seus conceitos e perspectivas sobre os impactos da modernidade na sociedade e nos indivíduos, de forma a flexibilizar suas conclusões a partir da observação de alguns casos estudados sobre manifestações da juventude meio a esse mesmo contexto.

Bauman é um sociólogo polonês, de orientação nitidamente marxista, atualmente professor de sociologia emérito das universidades de Varsóvia e Leeds. Nascido em 1925, tendo em vista que escreve e publica até hoje, portanto se mantém pensando o mundo e suas transformações, testemunhou grandes mudanças globais durante sua trajetória, o que faz compreensível sua postura um tanto “apocalíptica” em relação ao que o mundo se tornou.

Seus estudos são nitidamente respaldados em sua experiência pessoal, além, obviamente, de um profundo processo de pesquisa, em que trabalha com questões como história, sociedade, cultura, identidade, dentre outras áreas de saber que perpassam a construção de seu pensamento. No entanto, por muitas vezes suas colocações soam como atestações um tanto quanto fatalistas, engessadas, saudosistas, e mesmo pessimistas em relação ao lugar do sujeito na sociedade, não conseguindo, portanto,

¹ Esta frase é uma adaptação do bordão usado por Chapolin Colorado, um super-herói latino de características avessas as dos super-heróis norte-americanos. Sua frase original é “Palma, Palma, não preamos canico!”, uma corruptela de “Calma, calma, não criemos pânico!”

² Em cada subtítulo haverá uma menção aos bordões utilizados pelo herói Chapolin”

integrar completamente as complexidades e negociações típicas desse mundo, para ele re-configurado, dê-configurado. É nessa brecha que seus estudos, suas teorias, precisam ser relativizados para que possam ser aplicados ao tratamos de estudos sobre movimentos da juventude. Isso se evidencia quando contrapomos suas conclusões a um texto sobre estudos de manifestações da juventude de José Machado Pais , presente no livro: “Culturas Jovens. Novos mapas do afeto”.

2. Mapeando alguns conceitos e reflexões de Bauman. “*Todos meus movimentos são friamente calculados!*”

O levantamento dos conceitos e reflexões aqui presentes não são todos os desenvolvidos pelo autor nas obras a seguir, algumas delas considere interessantes para serem posteriormente relacionados aos estudos sobre juventude a serem analisados.

Lançado em 2001, sua obra “Comunidade. A busca por segurança no mundo atual”, busca definir o conceito de comunidade e a relação ambígua dos indivíduos frente à escolha ou conciliação entre dois valores que considera centrais na Modernidade: liberdade individual, cujo preço seria a ansiedade decorrente da sensação de “não-pertencimento”, deslocamento, e segurança, e o ônus seria justamente a perda da liberdade.

Segundo o autor,

“Comunidade é um lugar “cálido”, um lugar confortável e aconchegante. É como um teto sob o qual nos abrigamos da chuva pesada, como uma lareira diante da qual esquentamos as mãos em um dia gelado. Lá fora, na rua, toda sorte de perigo está à espreita; temos que estar alertas quando saímos, prestar atenção com quem falamos e a quem nos fala, estar de prontidão a cada minuto. Aqui, na comunidade, podemos relaxar- estamos seguros, não há perigos ocultos em cantos escuros (com certeza, dificilmente um “canto” aqui é “escuro”)” (BAUMAN, 2001:7)

De acordo com tal definição, comunidade representa um local de total e irrestrito pertencimento e integração social, familiaridade e segurança. A rua, uma metáfora para a Sociedade Moderna, apresenta-se como lugar diametralmente oposto, de perigo, da austeridade, desconfiança, mas onde os sujeitos poderiam potencialmente desempenhar livremente suas vontades e liberdades individuais. A condição de existência de uma comunidade, em sua concepção de “paraíso perdido”, ainda não vivido, experimentado atualmente, exigiria “lealdade incondicional, e trata tudo que ficar aquém dessa lealdade como ato de imperdoável traição.” (BAUMAN, 2007:9)

As sociedades tradicionais, para o autor, eram as que apresentavam traços de integração capazes de identificá-las enquanto comunidades, tais como a forma de sociabilidade dos integrantes, modos de organização de trabalho, familiar, enfim, aos hábitos de maneira geral. Um marco histórico identificado como corruptor dessa ordem seria a Revolução Industrial.

“As “massas” tiradas da velha e rígida rotina (a rede de interação comunitária governada pelo hábito) para serem espremidas na nova e rígida rotina (o chão da fábrica governado pelo desempenho de tarefas), quando sua supressão serviria melhor à causa da emancipação dos supressores. As velhas rotinas não serviriam para esse objetivo- eram autônomas demais, governadas por sua própria lógica tácita e não negociável, e por demais resistentes à manipulação e à mudança, dado que excessivos laços de interação humana se entreteciam em toda a ação de tal modo que para puxar um deles seria preciso mudar ou romper muitos outros. (...)

A guerra contra a comunidade foi declarada em nome da libertação do indivíduo da inércia da massa. Mas o verdadeiro resultado- ainda que não dito- dessa guerra foi oposto ao objetivo declarado: a destruição dos poderes de fixar padrões e papéis da comunidade de tal forma que as unidades humanas privadas de sua individualidade pudessem ser condensadas em massa trabalhadora.” (BAUMAN, 2001:30)

A partir dessa citação, um processo histórico ilustra um dos interesses, segundo o autor, do projeto de Sociedade Moderna, apoiada no modelo Capitalista, em desconstruir modelos organizacionais comunitários. Por estes apresentarem uma relação interpessoal mais fortalecida, mecanismos de exploração aplicados a esse sistema estariam fadados ao fracasso, e como distinção hierárquica entre exploradores e explorados é fundamental para o funcionamento do sistema capitalista de Sociedade Moderna, a dissolução das estruturas comunitárias se fazia necessária. Ainda que elas já estivessem em processo de desmantelamento, qualquer resquício referente a elas representava uma ameaça à construção de uma nova ordem regulamentadora.

Em “Identidade. Entrevista a Benedetto Vecchi”, publicado em 2004, Bauman responde a perguntas de forma a problematizar a questão da identidade na atualidade, no que chama de era “líquido-moderna”. Antes de aplicar a questão a uma perspectiva mais abrangente, inicia discussão a partir de sua experiência pessoal sobre o tema. Polonês, erradicado na Grã-Bretanha, onde pudera manter suas atividades docentes³, naturalizou-

³ Segundo o autor, ele saiu da Polônia justamente pelo fato de lhe terem tolhido o direito de lecionar. Interessante perceber que neste caso, sua identidade em relação ao seu ofício, torna-se determinante em relação a sua identidade nacional (natal), o que de certa forma ilustra uma aplicação direta de seus

se britânico, mas o fato de ser estrangeiro sempre esteve muito presente em seu cotidiano. Devido a sua própria vivência, e ainda baseado em sua pesquisa, considera a busca por identidade uma tarefa impossível, inatingível.

Retomando ao conceito de comunidade, aqui associando à questão da identidade e à sua experiência pessoal, relata:

“É comum afirmar que as “comunidades” (às quais as identidades se referem como sendo as entidades que as definem) são de dois tipos. Existem comunidades de vida e de destino, cujos membros (segundo a fórmula de Siegfried Kracauer) “vivem juntos numa ligação absoluta”, e outras que são “fundidas unicamente por idéias ou variedade de princípios”. Dos dois tipos os dois tipos, o primeiro me foi negado- tal como foi e será para um grande número de meus contemporâneos. Se não tivesse sido negado, dificilmente lhe ocorreria indagar-me sobre a minha identidade. E se você indagasse, eu não saberia que espécie de resposta você esperaria de mim. A questão da identidade só surge com a exposição a “comunidades” da segunda categoria- e apenas porque existe mais de uma idéia para evocar e manter unida a “comunidade fundida por idéias” a que se é exposto em nosso mundo de diversidades e policultural.”(BAUMAN, 2004:17)

Quando observamos que o tipo de comunidade que lhe foi privado, bem como foi também a outros de seus contemporâneos, a de vida e destino, de ligação absoluta entre os componentes, podemos relacionar diretamente com o anteriormente percebido processo de “destruição” das formas tradicionais de sociabilidade desde a Modernidade, tendo como marco a Revolução Industrial. A partir de então, uma lógica de mercado, de produção e suas formas de domínio e exploração passaram a ditar as regras e os formatos de sociabilidade, sendo assim, grandes narrativas nacionais encompassadoras perderam espaço e força, segundo o autor, para as narrativas mais “líquidas” ditadas de acordo com as demandas do mercado.

Já o segundo tipo de comunidade, a por associação de idéias, ele considera ainda mais volúvel, uma vez que observa que o fluxo de idéias e opiniões são extremamente variáveis e flexíveis, o que inclusive demonstra ser uma dinâmica altamente incorporada na “modernidade- líquida”, logo não duradoura, não garante a longevidade da sensação de pertencimento ao indivíduo que a integra.

Entende identidade

estudos, que indicam para uma decadência e falta de força das identidades nacionais no mundo “líquido-moderno”

“como algo a ser inventado e não descoberto, como alvo de um esforço, um “objetivo”; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais- mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusa da identidade deva ser, e tenda a ser, suprimida e laboriosamente oculta” (BAUMAN, 2004:22)

Em suas considerações sobre identidade, afirma ser o caráter frágil e provisório algo dado recentemente, em uma dimensão histórica, desde que tal estrutura, segundo ele, começou a falhar, a decepcionar. Concomitante ao processo de desmantelamento das formas de sociabilidade tradicionais, diz o sociólogo, deu-se a erupção da identidade enquanto questão, problema. O que até então transitava imperceptivelmente, sob o véu da naturalidade, o simples fato de nascer já lhe conferia uma identidade nacional “sólida”, foi então desvelado por não mais se tornar eficiente meio a um mundo multicultural, múltiplo, onde as formas de integração nacional não mais satisfaziam as demandas individuais por “pertencimento”.

“A idéia da “identidade” nasceu da crise do pertencimento e do esforço que esta desencadeou no sentido de transpor a brecha entre o “deve” e o “é” e erguer a realidade ao nível dos padrões estabelecidos pela idéia- recriar a realidade à semelhança da idéia.”(BAUMAN, 2004:26)

Ao avaliar a forma de integração e constituição de identidades mediadas por tecnologia virtual, as considera frágeis por serem fáceis de entrar e abandonar, não necessitam nenhum comprometimento com tais idéias, uma vez que filiações podem ser feitas por quaisquer razões (desde afeto à convicções ideológicas). Não avalia, portanto, que essas poderiam vir a serem substitutas “sólidas” capazes de suprir necessidade de pertencimento, de comunidade, muito pelo contrário, “tornam mais difícil para a pessoa chegar a um acordo com o próprio eu”.

Segundo Bauman, o processo de globalização reforçou um posicionamento Estatal de mínima interferência, tanto no aspecto de querer quanto no do poder, sobre criar uma identidade nacional integrada, não mais se interessa por formar uma aliança sólida entre o próprio Estado e a nação. Com essa ausência de interferência do Estado, anteriormente provedor de segurança, conclui que a busca por identidades é uma busca por segurança, mesmo que para isso seja necessário abrir mão de certas autonomias, liberdades da individualidade. Mais uma vez se depara com a ambigüidade típica dessa modernidade, entre segurança e liberdade.

3. “*Suspeitei desde o princípio...*” Identificação de algumas limitações das teorias de Bauman através de um estudo sobre a juventude

José Machado Pais, ao escrever o epílogo do livro “Culturas jovens. Novos mapas do afeto” intitula seu texto de: “Buscas de si: expressividades e identidades juvenis.” Nesse texto aborda duas das várias possíveis questões sobre manifestações da juventude: expressividade e identidade.

O autor descreve o cenário social em que estão inseridos os jovens e algumas de suas possíveis repercussões nas manifestações culturais e de identidade dos mesmos. Inicialmente delimita os espaços onde a juventude transita, descritos a partir do que ele chama de uma dualidade primordial. São eles: “*espaço estriado*, como revelador da ordem e do controle, representante das amarras sociais e *espaço liso*, aberto ao caos e ao performativo.” (PAIS, 2006:7)

Segundo constata, a cena da realidade para jovens na contemporaneidade se apresenta de forma instável, sem perspectiva de futuro promissor, desempregos, como uma geração “desfuturizada”. Sendo assim o universo virtual, no caso em oposição ao universo real, apresenta-se com capacidades impossíveis à realidade, e é nele que o potencial performativo se desenvolve, é ocupado, apresenta-se como *espaço liso*.

Neste caso, a mesma realidade virtual, de espaço criativo e formador de identidades, que Bauman descreve como não sólida suficiente para fornecer segurança aos indivíduos, apresenta-se pelos usos e re-apropriações dos jovens, como, talvez, única ferramenta possível em que possam burlar estigmas sociais, medos, que a “realidade” presencial os condenaria. Abrem-se assim, através de uma “realidade” virtual, alternativas capazes de serem instrumentos de inserção e pertencimento. Por mais que identidades virtuais não condigam com a materialidade concreta de onde esses jovens pertencem, isso não faz dessas identidades menos reais do que as outras, mesmo as identificadas em sociedades tradicionais, uma vez que ainda segundo Bauman “identidade é algo a ser inventado e não descoberto...”

Através de observações dessas manifestações performativas, materializadas em uma abertura de formas de representações de si, Pais propõe uma espécie de ressurgência pelas culturas juvenis do estilo barroco.

“A *abertura de formas* manifesta-se no barroco através de três vetores principais que caracterizam muitas das culturas juvenis: o *lúdico*, a *ênfase visual* e o *persuasório*. São estas características que

levam Omar Calabrese a falar de uma *era neobarroca*, ao mostrar que muitos fenômenos culturais do nosso tempo evocam o barroco - tomando como um conjunto de categorizações que excitam fortemente a ordem do sistema, submetendo-a turbulências, flutuações, desestabilizações... Outro traço do neobarroco é o *ritmo* e a *repetição* (...) os *limites desafiados pelo excesso*, (...), *alegorias e figurações ocultas*,..., *gosto pela metamorfose* e pela *ostentação*..” (PAIS, 2006:15)

Uma das características mais notáveis das culturas juvenis é sua representação, como já anteriormente citada, muito zelosa no que diz respeito a aparências, envereda no que o autor chama de *farsa do disfarce*. Tal farsa tende a estimular uma proposta de realidade inventada, mesmo que se proponha a simular o real.

Além dos ambientes virtuais de sociabilidade, o consumo ocupa lugar central para o desempenho de tais representações. A moda produz a ilusão de diferenciação subjetiva, individual, um guarda roupa nessa lógica, ancora em si inúmeras possibilidades de ser, na vida real, mesmo que no âmbito meramente performático. As aparências assumem proporções que extrapolam a consciência individual. Cultura corporal, cultura do consumo, por exemplo, seduzem mesmo que o preço seja alguma doença, contração de dívidas, associação a atividades ilegais dentre outras formas.

Neste caso, a comunidade que se configuraria através de idéias consensuais conseguidas pelo e no consumo, não ancoram em si a noção de “paraíso não vivido, aconchego, acolhimento”. Muito pelo contrário nesse caso incentiva para além de mecanismos de pertencimento, formas de distinção entre membros da mesma comunidade, podendo também, comprometer bem mais que a liberdade de escolhas da esfera da autonomia individual.

Importante frisar que o lugar do consumo não configura um espaço liso, uma vez que para habitá-lo pressupõe-se um poder aquisitivo, noções de gosto, estética, capazes de limitar uma livre fruição de construção de identidades correspondente a uma certa aparência. Trata-se, pois de um espaço estriado.

“As farsas do disfarce são uma cara da alienação (consumista), mas também dão cara à identificação, ao assegurarem expressividade de natureza identitária: de buscas de si através do outro” (PAIS,2006:17)

Desta forma, podemos considerar as identidades, bem como o processo de sua estruturação, como uma forma de linguagem, o que será passível de ser entendido e aceito por alguns grupos e outros não. O próprio conceito de obsceno, de representações

que chocam o olhar de certo acordo representativo, nada mais significa do que seu status “fora de cena”.

Já nos espaços de sociabilidade virtual, há uma livre disponibilidade para desenvolver “identidades projetadas” e criar espaços de convivência e trocas capazes de funcionar a revelia de qualquer comprometimento com a identidade real. A imaginação ocupa lugar central como fonte de afetos. É o que Pais denomina “projeção subjetiva de afetos ilusórios”. Para melhor entender tal conceito e seu grande poder na sociedade atual, sobretudo na cultura jovem, ele explica o fenômeno do hedonismo moderno. “No hedonismo moderno e auto-ilusionante, nada apaixona tanto no corpo do ‘outro’ como sua conformidade a um modelo veiculado na imaginação”. (PAIS, 2006)

Tendo essa característica observada, entende-se que as buscas de afetos perpassam também pela tentativa de atingir um ideal virtual, tanto na busca individual por um parceiro/a quanto na construção de si para se tornar passível de desejo altero.

“Ao tornar a imaginação como fonte principal dos afetos, o imaginado subjetivamente (interiormente) tende a projetar-se (objetivamente) no exterior, procurando suas cópias” (PAIS, 2006:21)

Ainda assim, mesmo partindo do pressuposto que o desejo não se materialize de outra forma que não metafisicamente, não deixa de ser uma realização, que oferece a sensação de prazer, saciedade, muitas vezes impossível a tais sujeitos de realizarem materialmente. Em uma sociedade marcada por graves diferenças sociais, em que os espaços de sociabilidade virtual ocupam cada vez mais espaço nas vidas das pessoas, condicionar a real saciedade à experiência carnal, material seria condenar uma grande parte da população ao sofrimento eterno, uma vez que suas condições materiais nunca poderiam saciar seus desejos imaginários. Portanto mesmo que na dimensão do imaginário, a sensação de conforto, pertencimento, gozo, flexibiliza-se para além das estruturas normatizadas de comunidades, o pertencimento desloca-se para outras esferas.

4. Considerações finais, “Não contavam com a minha astúcia!”

Ao tentar elaborar essa comparação crítica, não pretendi pormenorizar a obra de Zygmunt Bauman, aliás, autor que tenho profunda admiração. No entanto, a meu ver, a elaboração desse trabalho se fez necessária justamente por conta da minha inquietude ao lê-lo.

Ao passo que Bauman identifica a era atual como “Líquida- Moderna”, aponta suas formas de funcionamento, sua progressiva ausência de referências materiais, etc, suas conclusões apontam para soluções apenas cabíveis a outra sociedade que não a que ele mesmo descreve. Isso me impressionou porque mesmo com o profundo grau de conhecimento que ele desenvolveu enquanto sociólogo sobre a atual sociedade, sua própria experiência pessoal, não conseguiu destituir-se de sua visão saudosista de um tempo idealmente antes vivido. Mesmo tendo observado, vivido de fato, que “tudo que é sólido desmancha no ar” seu saudosismo refere-se a grandes verdades, instituições de valores rígidos, longas durações, busca de proteção em estruturas engessadas condenadas a ruir caso implementadas da forma que descreve, ainda mais na sociedade que descreve!

A proposta aqui era contrastar as conclusões do autor, com uma perspectiva talvez menos comprometida com formatos tradicionais, como a de Pais, trazendo à luz como as indicações sobre o recomendável e o abominável para Bauman, muitas vezes podem ser totalmente fadadas ao fracasso, deslocado da realidade, ou como novas formas de configurações sociais, subversões, intervenção social, dependendo da forma e contexto dessas novas re-apropriações na construção de identidades, comunidades, em geral nas novas formas de sociabilidade.

“É por aí, assim!”

5. Bibliografia

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade. Entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade. A busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2001

PAIS, Jose Machado. “Buscas de si; expressividade e identidades juvenis”. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes e EUGENIO, Fernanda (orgs). *Culturas Jovens. Novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2006.

Wikipedia. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Chapolin> - visitado em 2/07/2009